

## Sobre Chico de Oliveira

Leda Paulani

São Paulo, 13 de julho de 2019

O filósofo G.W.F. Hegel se referiu àqueles cuja tarefa é pensar construindo uma pequena galeria. Na posição menos cômoda vinha o *homem de convicção*, doutrinário e inculto, para quem princípios e máximas de vida são verdades absolutamente firmes e inquebrantáveis. Na sequência aparecia o *acadêmico acanhado*, o pensador especializado, e bitolado, de saber apequenado, produto típico da difusão do mercado e do aprofundamento da divisão social do trabalho. Um degrau acima surge, reluzente o *intelectual moderno*, iluminista, com seu espírito aguçado, capaz de aproximar as representações mais distantes e discernir as diferenças inaparentes. Mas Hegel não tinha muito apreço por esse personagem. Vai criticar-lhe a raciocinação sem peias, que tudo pode justificar, e a linguagem cintilante de espírito, mas vazia de conteúdo. A esse “tipo especializado em pensar”, Hegel contrapunha, por fim, o pensador especulativo e o colocava no mais alto posto. Antenado na experiência da coisa mesma, que deixa os objetos falarem e respeita “o ritmo imanente do Conceito”, esse pensador não substitui a seriedade dessa tarefa pelo sedutor estilo retórico, nem pela postura prepotente do pensamento (ou do discurso do *Entendimento*, como Hegel o chamava), que torna os objetos/sujeitos meros adereços.

Nosso querido Chico de Oliveira, que nos deixa em hora tão sombria, foi um gigante pensador do Conceito, a patente mais alta da galeria hegeliana. Com ouvido aguçadíssimo, o objeto que ele deixou falar a vida inteira atende pelo nome de Brasil. Foi por isso um pensador singular. Apesar da profissão de fé social-democrata, seu pensamento sempre foi radical, no sentido pleno do termo. Usava o marxismo sem prepotência, pautando-se pelos marcos e pela agenda de Marx, mais do que pela teoria dura. Deixava o Brasil falar de dentro do cenário onde esse projeto de Nação foi concebido e nunca plenamente efetivado, o desenvolvimento capitalista. Tinha, por isso, sempre de prontidão, a maquinaria da luta de classes. Era principalmente por meio dela que ele ouvia o Brasil.

Singular e radical, e além de tudo dotado de enorme capacidade criativa, apurada pela dialética que ele praticava, Chico foi por isso um mestre na arte de remar contra a maré. Essa a Arte de Francisco, esse seu papel. Funcionou sempre como grilo falante incômodo, a alertar a esquerda para a sedução das soluções fáceis, teóricas e práticas. Quando saía um texto novo, um conceito novo, a inquietação era geral. Era impossível passar incólume: como continuar a analisar o país sem dar atenção à inconsistência da razão dualista, ao ornitorrinco social, à hegemonia às avessas? Seu trabalho era sempre radical, sempre surpreendente, nunca confortável.

Chico era singular, radical e vivia incomodando, mas não era um sisudo pregador, ah, isso não! Muito longe disso. Temperava a radicalidade e a dureza das afirmações que fazia com o jeito caloroso e a enorme simpatia nordestina estampada no rosto. Quem o conhecia de perto sabia que era impossível não se deixar seduzir por seu riso largo, sua generosidade, sua presença de espírito, seu bom humor sempre a postos. E como bom nordestino, Chico era um forte. Viveu e se engajou nas lutas de seu tempo: nunca se acovardou, nunca arregou, nunca cedeu, nunca capitulou. Em tempos de predomínio dos homens de convicção, e da raciocinação intelectual que tudo justifica (inclusive dar força à eleição de um governo capaz de destruir o conhecimento, a ciência e a cultura) Chico vai fazer uma falta danada.